

20
ANOS

PROGRAMA
BOLSA
família

**MUDANDO
VIDAS,
FAZENDO
HISTÓRIA.**





<i>20 anos do Programa Bolsa Família</i>	_____	02
<i>Missão histórica</i>	_____	04
<i>Nasce o Bolsa Família</i>	_____	08
<i>Guaribas: a cidade do sonho</i>	_____	10
<i>Um novo Brasil possível</i>	_____	12
<i>Do Bolsa Família ao empreendedorismo</i>	_____	16
<i>"O estudo leva a gente a lugares melhores"</i>	_____	20
<i>"As pessoas precisam de oportunidade, só isso. Muitas vezes, a largada é desproporcional"</i>	_____	25
<i>Galeria</i>	_____	28
<i>Novo Bolsa Família</i>	_____	32
<i>A nova estrutura do Bolsa Família</i>	_____	35

20 anos do Programa Bolsa Família:

um marco na história do Brasil

No dia 20 de outubro de 2003, o Brasil dava um passo importante rumo à redução da desigualdade social e à promoção da inclusão de milhões de famílias em situação de vulnerabilidade. Nascia o Programa Bolsa Família, uma iniciativa revolucionária que se tornaria referência mundial no combate à pobreza e na garantia de direitos básicos.

Desde a sua criação, o Bolsa Família tem sido um instrumento fundamental para a promoção da cidadania e do desenvolvimento social. Ao unificar diversos programas de transferência de renda existentes, o programa trouxe maior eficiência e transparência à distribuição dos recursos, alcançando diretamente as famílias que mais precisam.

O impacto social do Bolsa Família é inegável. Milhões de famílias beneficiárias têm acesso a

uma renda mínima, o que lhes permite suprir necessidades básicas como alimentação, saúde e educação. Com isso, crianças e jovens têm a oportunidade de frequentar a escola, garantindo um futuro mais promissor e rompendo o ciclo da pobreza.

PRIORIDADE PARA MULHERES

Além disso, o programa tem contribuído para a redução da desigualdade de gênero, uma vez que o benefício é destinado prioritariamente às mulheres, que são as principais responsáveis pelo cuidado e sustento das famílias. Essa medida fortalece o papel da mulher na sociedade e promove a equidade de gênero.

Ao longo dessas duas décadas, o Bolsa Família também se mostrou um importante aliado no combate à fome e à miséria. Por meio da transferência de renda, o programa tem garantido a segurança alimentar de milhões de brasileiros, contribuindo para a erradicação da extrema pobreza e para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Não podemos deixar de ressaltar a importância do Bolsa Família para o Brasil como um todo. Além de promover a inclusão social, o programa tem impactos positivos na economia, uma vez que o dinheiro recebido pelas famílias é injetado no comércio local, movimentando a economia das regiões mais vulneráveis.

Ao completar duas décadas, o Programa Bolsa Família merece ser celebrado como uma conquista do povo brasileiro.

Seus resultados são evidentes e comprovam que é possível construir um país mais justo e igualitário. No entanto, é fundamental que o programa seja constantemente aprimorado e ampliado, para que mais famílias sejam alcançadas e tenham a oportunidade de transformar suas vidas.

Neste momento de comemoração, é importante reconhecer o esforço de todos os profissionais envolvidos na implementação e gestão do Bolsa Família, assim como a dedicação das famílias beneficiárias, que enfrentam diariamente desafios e adversidades. É graças a essa união de esforços que o programa se tornou um símbolo de esperança e transformação.

Que os próximos anos sejam de avanços e conquistas para o Programa Bolsa Família. Que ele continue sendo uma ferramenta poderosa na luta contra a desigualdade e na construção de um Brasil mais justo e solidário. Parabéns aos 20 anos do Bolsa Família e que sua trajetória de sucesso seja cada vez mais longa e inspiradora!



Para saber mais sobre o Programa Bolsa Família e acompanhar todas as ações do MDS, acesse o site mds.gov.br ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code.

MISSÃO HISTÓRICA

*Bolsa Família
20 anos:
a trajetória do
programa
que tirou
o Brasil do
mapa
da fome*

Em 2003, as pesquisas apontavam que cerca de 50 milhões de brasileiros passavam fome. Assim, nasceu o compromisso de ter como prioridade no governo a segurança alimentar.

A motivação de acabar com a fome no Brasil começou a se tornar realidade no dia 3 de fevereiro de 2003, em Guaribas, no interior do Piauí. Considerada uma das cidades mais pobres do país à época, o município de cerca de 4,5 mil habitantes foi palco do lançamento do Programa Fome Zero. A iniciativa levou para a cidade projetos de infraestrutura, iniciativas de inclusão social e de acesso à água, saneamento básico e pavimentação, entre outras melhorias.



TRANSFORMAÇÃO

Eraques Alves, que hoje administra uma loja de informática em Guaribas, foi uma das crianças de famílias beneficiadas com programas sociais e escola em tempo integral. "Graças aos programas sociais e às políticas que chegaram, eu tive a oportunidade de estudar em uma estrutura melhor que meus pais tiveram. Foi assim que consegui me formar na universidade e trabalhar na minha loja aqui na cidade", disse o empreendedor que ingressou no ProUni e concluiu o ensino superior em Tecnologia e Gestão da Informação em São Paulo.

O advogado Nathaniel Filho também nasceu em Guaribas e se beneficiou com as transformações pelas quais a cidade passou. Hoje, ele mora em Osasco (SP) e destaca a importância da educação para a emancipação social e econômica dos moradores locais. "A minha história e a história da minha cidade até se

confundem. Porque é uma cidade pequena, que não tinha muitas oportunidades, sem muitos serviços públicos. E eu, uma criança pobre, que nasci nessa cidade, que vivi nessa cidade e participei de todos esses processos de transformações sociais", constata.

A implementação do Fome Zero foi acompanhada pela criação do Programa Cartão Alimentação e do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), entre outras iniciativas de promoção da segurança alimentar. O Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) foi recriado como órgão de assessoramento imediato à Presidência da República, e surgiu um amplo processo de mobilização popular em torno do tema.

Em 20 de outubro do mesmo ano, o Programa Bolsa Família foi criado pela Medida Provisória nº 132, posteriormente convertida em lei, em janeiro de 2004 (Lei nº 10.836).

UNIFICANDO INICIATIVAS

O programa de transferência de renda do Governo Federal unificou iniciativas que já existiam, como o Cadastro Único, o Auxílio Gás e o Fome Zero, com o intuito de superar a pobreza e a fome. “O Fome Zero significou Guaribas sem fome. Eram vários programas. Lembro do programa Um Milhão de Cisternas, que o pessoal morria de sede e que salvou muita gente.

O Luz para Todos também veio. Na época, não tinha energia onde eu morava. Foi muita coisa boa que aconteceu”, recorda Eldiene Maia, 37 anos, que nasceu e mora na cidade piauiense. “O Bolsa Família tornou-se um dos maiores e mais respeitados programas no mundo, sendo uma das políticas que liderou a retirada do Brasil do mapa da fome”, comenta a secretária nacional de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único do MDS, Letícia Bartholo. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês), o Brasil saiu do mapa da fome em 2014. De 2002 a 2013, caiu em 82% a população de brasileiros considerados em situação de subalimentação. O relatório também mostra que o Indicador de Prevalência de Subalimentação atingiu no Brasil nível menor que 5%, abaixo do qual a organização considera que um país superou o problema da fome.



O Fome Zero significou Guaribas sem fome. Eram vários programas. Lembro do programa Um Milhão de Cisternas, que o pessoal morria de sede e que salvou muita gente. O Luz para Todos também veio. Na época, não tinha energia onde eu morava. Foi muita coisa boa que aconteceu”

Eldiene Maia, 37 anos

Iniciativa surgiu a partir do Programa Fome Zero para assegurar comida na mesa de todos os brasileiros.

“O Bolsa Família é uma das políticas públicas brasileiras mais estudadas e avaliadas.

Ao longo de suas duas décadas de existência, a pesquisa científica acumulou um importante conjunto de evidências acerca do impacto da transferência condicionada de renda na vida brasileira”, aponta a secretária. “O programa ajudou a reduzir a pobreza e a pobreza extrema, diminuir a mortalidade infantil, aumentar a participação escolar feminina, reduzir a desigualdade regional do país e melhorar indicadores de segurança alimentar entre os mais pobres”, acrescenta.

DESMONTE E RECONSTRUÇÃO

O ciclo de superação da fome e da pobreza foi interrompido pelo sucateamento das políticas públicas a partir de 2016. Os índices foram piorando até que, em 2022, o Brasil voltou ao mapa da fome. Segundo relatório da FAO, 70,3 milhões de pessoas

estiveram em estado de insegurança alimentar moderada no ano passado.

O levantamento também aponta que 21,1 milhões de pessoas no país passaram por insegurança alimentar grave.

Já de acordo com o Segundo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil, 33,1 milhões de pessoas não tinham garantido o que comer em 2022.

Conforme o estudo, 58,7% da população brasileira conviviam com a insegurança alimentar em algum grau (leve, moderado ou grave).

NOVA MISSÃO

Agora, o Brasil tem novamente a missão de sair do mapa da fome e assegurar comida de qualidade na mesa de todas as famílias do país. O Bolsa Família voltou em março de 2023, renovado e assegurando valores mínimos por pessoa e por lar, além de adicionais para crianças, adolescentes, gestantes e nutrizes. Tem, ainda, a missão de promover uma emancipação real dos beneficiários por meio do emprego e do empreendedorismo. “Ao retomarmos o programa no ano em se completam 20 anos de sua criação, damos continuidade a um caminho de construção em busca do resgate da dignidade e da cidadania das famílias, não somente pelo Governo Federal, mas pela atuação conjunta, forte e participativa de todos os entes federados”, afirma Leticia Bartholo.

Nasce o Bolsa Família

De beneficiário a gestor do programa, conheça a história de Kellison

Em outubro de 2003, mais de 28% dos brasileiros estavam em situação de pobreza. Entre esses, 9% viviam na extrema pobreza. Foi nesse contexto que, em outubro daquele ano, foi lançado o Bolsa Família, o maior programa de transferência direta de renda da história do país.

Criado por meio da Medida Provisória nº 132 e convertido na Lei nº 10.836, em 9 de janeiro de 2004, o Bolsa Família tratava de transferir um valor em dinheiro para famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Condicionalidades de proteção à infância, como a frequência escolar e a vacinação em dia, também faziam parte do programa.

Foi uma revolução na vida de milhões de brasileiros, beneficiados direta ou indiretamente. Estudo do Banco Mundial aponta que o programa tem impacto de 2,16% no Produto Interno Bruto (PIB) das regiões com famílias contempladas.

EVOLUÇÃO

Nos 20 anos de existência do Bolsa Família, 64% dos beneficiários conseguiram deixar o Cadastro Único, graças à evolução socioeconômica alcançada. Entre os jovens e os adultos, 44% entraram no mercado formal de trabalho, o que representa mais de 5 milhões de pessoas.

Kellison Rocha, 29 anos, é um deles. Filho de Maria Libania Bessa Rocha e de José Francisco da Rocha, beneficiários do Bolsa Família, ele hoje atua como gestor do programa no município de Paraná (RN).

Em 2003, a mãe de Kellison recebeu o auxílio na cidade de José da Penha (RN). A família de pequenos agricultores trabalhava na roça, mas passava muitas necessidades. "Era insuficiente. O Bolsa Família era a oportunidade que a gente tinha. Com o apoio do programa, fui estudando e me formei na Universidade Aberta do Brasil

(UAB), pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no curso de Administração Pública”.

Após a conclusão do curso, Kellison continuou estudando e se especializou em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, passando a trabalhar como gestor do Bolsa Família em 2019. Ele explica que o programa foi fundamental para a carreira que escolheu: “A vida toda eu tinha trabalhado na agricultura, junto com os meus pais, e hoje ajudo a tirar as pessoas da miséria. Isso para mim é algo grandioso”.

Kellison relata que sua história é fruto do Bolsa Família, mas vai além: a rede de amparo social atuou de forma integrada. O Programa Cisternas o ajudou a não passar sede e a produzir alimentos. O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) promoveu o acesso à alimentação e incentivou a agricultura familiar.

A irmã de Kellison, hoje com 33 anos, também foi beneficiada e quebrou o ciclo de pobreza da família. Karla Klennya se formou técnica em informática numa das primeiras turmas do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), no município de Pau dos Ferros. Ela mora atualmente em São Paulo e tem muita esperança no futuro da filha, Ana Laura, de três anos.

TRANSFORMAÇÃO

A família Rocha saiu do programa em 2010. Kellison ainda se emociona ao recordar a caminhada: “O sentimento que tenho é de transformação, pela história de vida, de ser um beneficiário, de estudar em escola pública, de cursar Administração Pública pela UFRN, através dos polos de educação a distância da Universidade Aberta do Brasil”.

Ele lembra que segue participando do ciclo de transformação: “Tenho orgulho de ter sido, durante toda a minha trajetória, beneficiário de programas sociais e de hoje estar atuando como gestor do Bolsa Família. Tenho certeza, quando vejo as famílias que atendo, que elas também podem superar as dificuldades e conquistar melhores condições de vida”.



GUARIBAS: A CIDADE DO SONHO

A cerca de 650 km ao sul de Teresina, o município de Guaribas (PI) tinha, no início dos anos 2000, um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDHs) do país, o que lhe conferiu o título de "A cidade da fome". Mas esse é um passado distante.

Em 3 de fevereiro de 2003, a cidade do interior do Piauí foi escolhida para o lançamento do Programa Fome Zero, que englobava uma série de políticas públicas para erradicar a fome e a miséria no Brasil. A iniciativa trazia projetos de infraestrutura, inclusão social, acesso à água, saneamento básico e pavimentação, além da transferência de renda pelo Programa Bolsa Família.

Vinte anos se passaram, e os moradores colhem os frutos de uma cidade próspera, de oportunidades e de sonhos.

Eraques Alves tem 33 anos e é formado em Tecnologia da Informação. Ele faz parte da geração que vivenciou a transformação de Guaribas. "Antigamente, as crianças com oito, nove anos já tinham que ir para a roça ajudar os pais no plantio de feijão, milho,

mandioca... A roça era o único meio de renda. Não existiam os benefícios do governo".

A mãe de Eraques foi beneficiária do Bolsa Família: "Significou muito, não só para Guaribas, mas para o Brasil inteiro. Quando as pessoas receberam o cartão, passaram a usar o benefício não só para sobreviver, mas para empreender também, montar um negocinho. Abriu novos caminhos".

Eraques estudou da pré-escola até o ensino médio na escola pública de Guaribas. Nos primeiros anos, os alunos assistiam às aulas em uma casa improvisada, pois não havia colégios para todos: "Moradores cediam suas casas para a gente estudar. Tinha aula ao ar livre".

O cenário se transformou. No ensino médio, as aulas já aconteciam em uma escola em tempo integral: "Era moderna, ajudou muito a melhorar meus conhecimentos, tirar uma boa nota no Enem e conseguir a bolsa pelo ProUni. A escola em tempo integral foi muito importante, pois me incentivou a fazer faculdade", conta Eraques, referindo-se ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni).



Em 2009, ele prestou o Enem e, com o resultado, inscreveu-se pelo ProUni, com bolsa, para cursar Gestão em Tecnologia da Informação em São Paulo. Lá estudou, trabalhou na área, ganhou experiência e voltou para Guaribas para montar uma assistência técnica especializada e prestar serviços de informática na cidade.

Para Eraques, era uma oportunidade de ajudar a cidade: "O que me motivou foi ter a chance de empreender mesmo, proporcionar mais desenvolvimento à cidade e incentivar novas pessoas a fazer o caminho que eu fiz. Além de ficar perto de casa, que é bom demais".

Quando voltou ao Piauí, Eraques ainda pôde dividir seus conhecimentos com a comunidade, dando aula na escola técnica da cidade: "O município foi contemplado pelo Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) com dois cursos. Dei aula em ambos: Informática e Administração. Pude ajudar na formação de outras pessoas. Foi maravilhoso passar um pouco do conhecimento que eu adquiri na faculdade. Tenho alunos que conseguiram bons empregos por conta dos cursos técnicos".

Eraques é grato pela possibilidade de ser um empreendedor na cidade natal: "É extraordinário poder contribuir para o desenvolvimento da cidade, direta ou indiretamente".

Para o futuro, ele sonha com ainda mais desenvolvimento para Guaribas: "Os jovens, como eu, têm que contribuir para isso, procurar novas oportunidades para a cidade. Isso incentiva os mais novos a terem essa mentalidade também, e não só pensar: 'Vou terminar o 3º ano do ensino médio e vou para São Paulo'. Vão querer ficar em Guaribas e crescer aqui mesmo".



Um novo Brasil possível

*O que mudou
no Brasil desde
a criação do
Bolsa Família?*

Em 20 de outubro de 2003, foi assinada a Medida Provisória (MP) que criou o Programa Bolsa Família (PBF) e reafirmou o compromisso do país com o combate à fome e à pobreza no Brasil.

Ana Carolina Oliveira, servidora pública que trabalha na Consultoria Jurídica do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), lembra-se bem dessa realidade: "Quando o gás acabou,

minha mãe deu um pouco de refrigerante e biscoito para mim e para minha irmã como almoço”, conta Ana Carolina sobre os anos difíceis da infância. “Foi com o dinheiro recebido do Bolsa Família que ela conseguiu comprar um novo botijão para preparar a comida”.

Eram, então, mais de 28% dos brasileiros em situação de pobreza, sendo 9% deles na extrema pobreza. Foi por meio da Medida Provisória nº 132, de 20 de outubro de 2003, que o Bolsa Família, programa de transferência de renda condicionada, unificou outras políticas públicas: Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Cartão Alimentação e Auxílio Gás. A MP virou lei (Lei nº 10.836), sancionada em 9 de janeiro de 2004. De lá para cá, muita coisa mudou.

“O Bolsa Família é uma grande conquista da sociedade brasileira no campo das políticas públicas. A transferência de renda associada a serviços socioassistenciais permite a garantia de acesso a direitos básicos, como alimentação, além de ativar o ciclo econômico local. Por isso, há um reconhecimento internacional dos resultados”, explica o secretário nacional de Assistência Social do MDS, André Quintão.

MOBILIDADE SOCIAL

Com o objetivo de identificar todas as famílias de baixa renda do Brasil, consolidou-se o Cadastro Único para Programas Sociais, criado em 2001, e a partir daí, foi desenhado o maior programa de transferência de renda da história do país. De acordo com o estudo “Mobilidade social no Brasil: uma análise da primeira geração de beneficiários do Programa Bolsa Família”, do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), “as análises realizadas nesta pesquisa nos permitem concluir que uma significativa parcela dos beneficiários dependentes do PBF apresentaram indicadores sugestivos de mobilidade social mais de uma década após começarem a participar do programa”.





EMANCIPAÇÃO

O estudo mostra que boa parte das crianças pobres e extremamente pobres, com idade entre 7 e 16 anos em 2005, conquistaram a emancipação dos programas sociais e ingressaram no mercado formal de trabalho: 64% encontravam-se fora do Cadastro Único e 45% acessaram o mercado formal de trabalho entre 2015 e 2019.

É o caso de Ana Carolina, que continuou estudando com a ajuda do auxílio e se formou em Direito: "A vida toda a gente morou de aluguel ou na casa de parentes. Hoje, formada, trabalho para realizar o sonho de comprar uma casa para minha mãe". Especialistas que conduziram a pesquisa apontam que as condicionalidades, tais como o acompanhamento da saúde e da vacinação e a obrigatoriedade da matrícula e frequência na escola, estão entre os motivos do sucesso do Bolsa Família: "A inclusão econômica envolve a integração gradual de indivíduos e famílias em processos mais amplos de desenvolvimento econômico e comunitário, visando fortalecer sua resiliência e alavancar oportunidades futuras.

É nesse sentido que programas de transferência condicional de renda podem promover a mobilidade social", avalia o estudo do IMDS/FGV.

IMPACTOS INDIRETOS

A pesquisa "Cash transfers and formal labor markets – Evidence from Brazil" ("Transferências de dinheiro e mercados formais de trabalho – Evidências do Brasil", em livre tradução), do Banco Mundial, traz os impactos econômicos indiretos do Bolsa Família. "Além do benefício imediato às famílias contempladas pelo programa de transferência de renda, em termos

de pobreza e de desigualdade, temos resultados importantes no emprego formal e na economia em geral”, afirma Joana Silva, economista portuguesa que conduziu o estudo. De acordo com a pesquisa do Banco Mundial, o programa estimula as economias dos municípios, já que incentiva o consumo de alimentos, roupas e outros produtos, favorecendo o comércio nas áreas com famílias beneficiárias do Bolsa Família. Segundo Joana Silva, isso resulta em um efeito multiplicador de 2,16 para a economia local.

O Bolsa Família tem uma gestão descentralizada e compartilhada entre a União, as unidades federativas e os municípios. A seleção das famílias é feita de forma automatizada. Os estudos mostram que existe significativa mobilidade social dos beneficiários. Ao acessarem o mercado de trabalho, os filhos – dependentes – recebem melhor remuneração do que seus responsáveis – titulares – recebiam.

“Quando a gente olha os filhos e as filhas das famílias que lá atrás foram as primeiras do Bolsa Família, verificamos mobilidade social. Pessoas melhorando de vida. E o Bolsa Família propiciando que as economias locais se aqueçam”, frisa o ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Wellington Dias.

PILAR DO PROGRAMA

Para a secretária nacional de Renda de Cidadania, Eliane Aquino, há desafios importantes no contínuo processo de

aprimoramento do Bolsa Família: “Os mecanismos de articulação do programa, como o Cadastro Único e a cooperação de estados e municípios, servem justamente para que os múltiplos elementos do que conhecemos como pobreza sejam combatidos. Isso acontece por meio da ação integrada com uma série de outras medidas fundamentais, como a geração de emprego, a valorização do salário mínimo, a implementação das cotas sociais e raciais, o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), do Sistema Único de Assistência Social (Suas) e da rede de educação, entre outros”.

Ela ressalta que uma das prioridades do Governo Federal, e pilar do Bolsa Família, é o cuidado e atenção às crianças, adolescentes e jovens para interromper a repetição do ciclo intergeracional da pobreza: “Todo o desenho do programa é pensado com esse objetivo, e os números são a comprovação de que o Bolsa Família é investimento hábil. Lutamos para alcançar esse ideal, em que a falta de oportunidades por conta da classe social, raça/etnia ou gênero não afete o futuro de milhões de crianças, adolescentes e jovens brasileiros”. Ana Carolina – que hoje é chefe de divisão na Consultoria Jurídica do MDS – continua estudando para alcançar a estabilidade que tanto almeja no serviço público. “Lembro que sempre recebíamos cartinhas do Bolsa Família para que os componentes familiares fizessem cursos profissionalizantes. À medida que a educação se insere na vida das pessoas, é possível conseguir coisas melhores, até mesmo se desvincular do benefício. A partir do momento em que investimos na educação, é aberta uma janela que nos mostra novos horizontes”.



Do Bolsa Família ao empreendedorismo

Francismeire Silva Melo, 45 anos, conhece bem o significado da palavra “transformação”.

Mãe de três filhos, ela foi beneficiária do Bolsa Família por 12 anos. O programa a ajudou a sustentar a família durante um período difícil, mas ela sabia que precisava fazer mais para mudar o cenário.

A vida de Francismeire sofreu uma reviravolta quando a filha do meio foi vítima de um abuso terrível, aos seis anos de idade. Determinada a proteger a família, ela tomou a difícil decisão

de se separar do pai da criança. Saiu de casa com os filhos e apenas as roupas que tinham.

Costureira de uma empresa em Caruaru (PE), Francismeire conseguiu negociar para trabalhar de casa, com uma máquina fornecida pelos patrões. No entanto, a situação financeira era precária, e ela lutava para sustentar a família.

Dois meses após a separação, o ex-marido a denunciou ao Conselho Tutelar, alegando maus-tratos aos filhos. Quando o conselheiro chegou, encontrou Francismeire e as crianças em uma situação desesperadora, sem colchões para dormir e sem comida para cozinhar. Ela então foi encaminhada ao Centro de Referência de Assistência Social (Cras).

No Cras, Francismeire encontrou apoio e orientação. Fez o cadastro no Bolsa Família e se inscreveu no programa Minha Casa, Minha Vida. Foi uma virada de jogo, pois a família passou a ter acesso a recursos que ajudaram a suprir as necessidades básicas.

Mas a vida ainda apresentava desafios. Francismeire perdeu o emprego e enfrentou dificuldades financeiras novamente. Sem ter como pagar o aluguel, viu-se obrigada a se hospedar na casa de conhecidos, mudando constantemente de lugar.

Francismeire voltou ao Cras em busca de ajuda. Foi direcionada à Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres do município de Caruaru, onde recebeu apoio emocional e entrou em um grupo de apoio para empreendedores.

Naquele momento, Francismeire descobriu o poder do empreendedorismo. Começou a estudar e a se capacitar, utilizando parte do valor do Bolsa Família para investir no próprio negócio.



"Lá eu tive muita ajuda. Trabalharam meu emocional, meu lado mulher, o lado mãe e me colocaram em um grupo de apoio para empreendedores. Comecei a estudar o empreendedorismo e, à medida que fui aprendendo, usava parte do benefício no meu trabalho. Dividia o valor para casa, comida e trabalho. Às vezes nem dava para tudo, mas conseguia fazer as coisas darem certo", relembra.

Em 2017, Francismeire recebeu as chaves de seu apartamento do Minha Casa, Minha Vida. Agora, o valor do Bolsa Família era direcionado para o pagamento da prestação do imóvel. Ela continuou se capacitando, fazendo cursos e abriu o próprio negócio como microempreendedora individual (MEI).

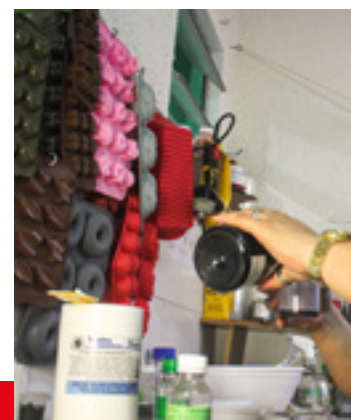
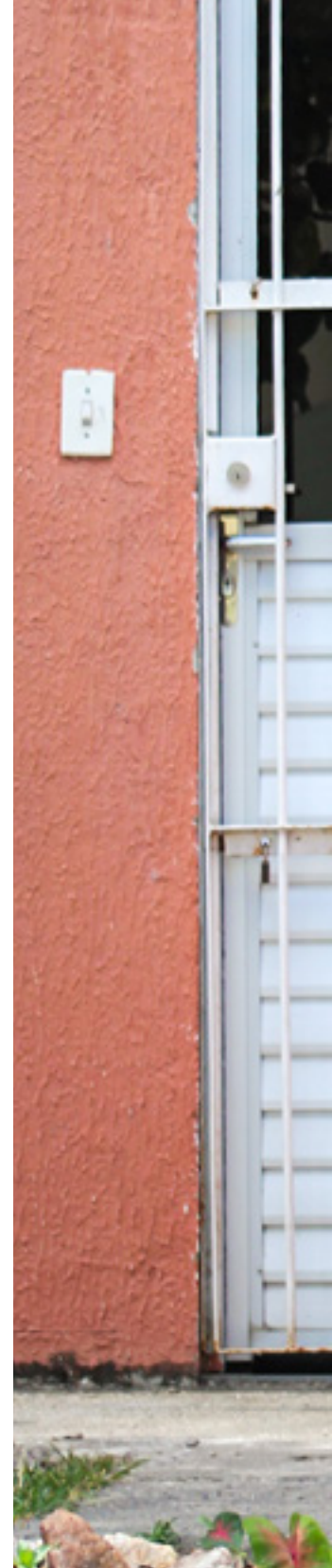
Hoje, Francismeire vive do empreendimento. Vende cosméticos artesanais e velas aromáticas, superando desafios diários para sustentar a família e pagar a prestação do apartamento.

Ao olhar para o passado, ela reconhece o papel fundamental que o Bolsa Família desempenhou em sua vida e na vida de seus filhos. Agradece por ter recebido apoio quando mais precisava e está determinada a continuar crescendo e prosperando.



O Bolsa Família ajudou muito. Hoje sou uma empreendedora e estou tentando viver do meu trabalho. Não é fácil, tem muitos altos e baixos, mas estamos seguindo", conta Francismeire.

A transformação de beneficiária do Bolsa Família em empreendedora mostra que é possível mudar de vida, mesmo diante das maiores adversidades. A jornada de Francismeire é um lembrete de que, com o apoio adequado, todos têm o potencial de alcançar os sonhos e construir um futuro melhor.







**“ O estudo
leva a gente
a lugares
melhores”**

Ex-beneficiária, Weslene trabalha como jornalista e sonha com a casa própria.

Sentada no sofá de sua sala, com o companheiro e os dois cachorros, a jornalista Weslene Rocha, funcionária da Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins, em Palmas, olha para o futuro. Ela projeta a enteada cursando uma faculdade pública, dedicando-se somente aos estudos, e sonha com a construção da casa própria no lote recém-comprado: "Quero que ela não precise passar pelo que eu passei".

Aos 27 anos, Weslene percorreu um longo caminho para finalmente ter uma vida digna. A mãe, Maria Brito da Conceição, é uma das seis filhas de uma família muito humilde do Maranhão. Casou-se cedo, teve uma filha. O casamento chegou ao fim, e ela se mudou para Fortaleza.

O segundo marido de Maria, Francisco Angelino Rocha, era caminhoneiro. Depois de uma discussão, saiu em uma viagem a trabalho. Convencida de que não haveria retorno, Maria resolveu voltar para o município de Açailândia, no Maranhão, e morar na casa do avô.

O irmão de Weslene, fruto do segundo casamento, tinha dois anos. E, no meio de tantos desencontros, Maria descobriu que estava grávida de Weslene: "Ela não sabia da gravidez quando se separou. Então imagina, naquela época, início dos anos 1990, uma mulher grávida, negra, sem muita instrução. Saiu de casa e voltou com três filhos. Toda aquela humilhação. Todo aquele sofrimento".





GARANTIA DA SOBREVIVÊNCIA

Maria se casou novamente e foi morar junto com as crianças em Presidente Dutra (MA). Anos difíceis. Foi justamente quando o Bolsa Família surgiu e se tornou essencial para garantir o básico, a sobrevivência.

"Toda vez que vou ao mercado, eu falo: 'Oh, gente, me lembrei da minha mãe'. Toda vez. Porque não tem como eu olhar para ela e não pensar em toda a dificuldade. Minha mãe comprava aquela ossada mais humildezinha, com muita batata para fazer render. Eu lembro que, no dia em que recebia o Bolsa, sempre voltava com uma sacolinha de alguma comida", emociona-se Westlene.

Antes do Bolsa Família, a filha mais velha, Carina, recebia Bolsa Escola. Era, então, a única que estudava. O dinheiro também era usado para comprar alimentos.

Weslene recorda que, quando tinha cinco ou seis anos, viu seu padrasto brigando com Maria pela quantidade de leite consumido na casa: "Lembro que vi minha mãe chorar, e eu falei: 'A senhora fica tranquila que eu vou trabalhar. Deixa eu crescer um pouquinho que vou trabalhar e comprar quantos leites a senhora quiser'. Ela me olhou e chorou mais ainda".

Desde muito nova, Weslene tinha o sonho de trabalhar e ter suas coisas. Hoje, a vida é outra, e ela ajuda a mãe como pode: "Sempre comento com a minha irmã mais velha sobre como a gente é felizada por ter saído da vida que a gente saiu e hoje ter nossa paz, né?".

Em 2004, quando Weslene completou 8 anos, o pai foi conhecê-la. No mesmo dia, ela e o irmão, filhos de Francisco, mudaram-se para Palmas. As crianças deixaram de receber o Bolsa Família. Passaram a morar em uma quitinete, junto como pai e a segunda esposa dele.

Aos finais de semana, Francisco se juntava ao Movimento Nacional de Luta pela Moradia no Tocantins (MLNM/TO), na construção de casas populares em mutirões. Até hoje, o pai de Weslene mora na casa que é fruto da luta coletiva, construída e paga com muito esforço.

O marido de Weslene, Ari, também teve origem humilde. Ambos foram os primeiros de suas famílias a concluírem o ensino superior. Eles se conheceram na

Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal de Tocantins. "A gente tem essa missão: colocar na cabeça dos nossos irmãos que eles também podem ter uma melhoria de vida. Porque o estudo leva a gente a lugares melhores", define Weslene.

Depois da morte do último marido, em 2021, Maria vive com os filhos mais novos. Eles ainda recebem o Bolsa Família. Para Weslene, o auxílio foi fundamental na trajetória dela e de tantas outras pessoas: "Não é justo a gente concorrer com uma pessoa que tem mais oportunidades. Um filho de um banqueiro não é igual ao filho de uma costureira. Não estuda na mesma escola, não tem a mesma formação".

Weslene defende a necessidade de políticas complementares: "Espero que meus irmãos tenham mais acesso à escola, à universidade, a programas de inserção no mercado de trabalho, de estímulo ao empreendedorismo para que possam crescer com essa vontade. Muitas vezes, as pessoas não sabem para onde ir, onde investir, por onde começar".

Ela é muito grata pelas oportunidades que teve: "Não posso separar quem eu sou do apoio do poder público. Desde pequena até agora, as políticas sociais estão inseridas. Só peço que as pessoas possam ter a mesma oportunidade que eu tive, principalmente acesso ao ensino, à alimentação. Para mim, é algo inquestionável, para as crianças, os adolescentes, os adultos. Para todos".



“AS PESSOAS PRECISAM DE OPORTUNIDADE, SÓ ISSO. MUITAS VEZES, A LARGADA É DESPROPORCIONAL”

Ex-beneficiário do Bolsa Família, Sergio Lopes teve a vida transformada e hoje trabalha na Ouvidoria do MDS.

Sergio Lopes nasceu em Triunfo, cidade com menos de 10.000 habitantes, no interior da Paraíba. “A última cidade do estado. Se der um grito, a pessoa escuta do Ceará”, brinca. Filho de pais agricultores, morava em uma casa muito humilde, com cinco irmãos. Na infância, não tinha televisão ou geladeira. Seus pais não puderam estudar e sempre trabalharam no roçado.

Quando criança, Sergio sequer achava possível a hipótese de cursar uma faculdade: “Não conhecia

ninguém que tivesse feito, não sabia nem como fazer. Eu pensava: ‘Se eu terminar o ensino médio e conseguir um emprego no mercadinho, já tá de bom tamanho’”. Hoje, aos 36 anos, depois de estudar Administração Pública, é chefe de repartição na Ouvidoria do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS).

Tudo mudou na vida da família quando, em 2004, passou a ser beneficiária do programa de transferência de renda do Governo

Federal. O Bolsa Família era necessário para garantir o básico, como a alimentação. Os pais faziam reserva dos alimentos que produziam, mas não era suficiente. “A fome tem pressa. A fome não espera, ela dói. Só quem passa é que sabe”, descreve.

Além do mais elementar, o Bolsa Família também propiciou algo que não foi possível aos pais de Sergio: estudar. “Meu avô morreu muito cedo. Meu pai começou a trabalhar aos nove anos. Ele e minha mãe sempre prezaram muito por manter a gente no colégio, estudando”, lembra.

Os seis filhos concluíram o ensino médio. Os irmãos de Sergio vivem em São Paulo, seguiram o caminho do empreendedorismo e abriram restaurantes – uma pizzaria e uma hamburgueria. Ele seguiu outro caminho. Aos 16 anos, mudou-se para Brasília para continuar os estudos. Foi morar na casa de uma tia. Trabalhava durante o dia como empacotador em um mercado. À noite, ia para a escola.

Sergio via nos estudos o caminho para a mudança de vida. Das aulas de informática ao curso técnico de Gestão de Políticas Públicas do Instituto Federal de Brasília (IFB).

MUDANÇA DE VIDA

Eram tempos muito difíceis, mas foi assim que descobriu o gosto pela carreira. Veio o processo seletivo para a Polícia Militar do Distrito Federal, onde trabalhou no setor administrativo por dois anos. Por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cursou Gestão de Políticas Públicas, com bolsa do Programa Universidade para Todos (ProUni). Sergio reforça que é fruto não de uma, mas de diversas políticas públicas que permitiram quebrar o ciclo da pobreza de seus antepassados: “Hoje, tenho uma filha de sete anos e vejo a diferença de acesso às coisas que ela tem e que eu não tive na escola, na alimentação, no lazer e na cultura”. Ele conta que muitas vezes precisou escrever na capa do caderno ou pedir aos colegas folhas emprestadas: “Minha mãe não podia comprar outro caderno. Precisava esperar o mês seguinte, até cair o pagamento do Bolsa Família”.

ATENDIMENTO AO CIDADÃO

Depois de se especializar em Ouvidoria, entrou em 2013 para o Ministério da Cultura. Em 2019, a pasta foi transformada em Secretaria Especial, dentro da estrutura do Ministério da Cidadania, que juntou ainda as áreas de Desenvolvimento Social e de Esporte. Em 2023, quando os três ministérios voltaram a existir, Sergio passou a trabalhar na Ouvidoria do MDS, atendendo, entre outras demandas, os beneficiários do Bolsa Família. Mais do que ninguém, Sergio sabe do poder transformador do programa e da importância de seu trabalho. Ele lembra as dificuldades que sua mãe tinha para entender as nuances burocráticas e administrativas do Bolsa



Arielly Almeida • Distrito Federal



Domingas Maia • Goiás



Francisco Souza • Ceará



Damiana Almeida • Distrito Federal



Fernanda Almeida • Distrito Federal



Maria Mendes • Distrito Federal



Novo Bolsa Família

Apoio à primeira infância e resgate do conceito de família marcam a retomada do programa de transferência de renda do Governo Federal.

A doutora em ciências biológicas Isamara Mendes da Silva tinha 10 anos de idade quando, em 2003, sua família começou a receber um benefício social recém-criado pelo governo. Filha de feirantes, a menina, que vivia na pequena Cândido Sales, no interior da Bahia, ao lado de quatro irmãos, começou a alimentar um sonho quando viu a mãe chegando em casa com a boa-nova. “Lembro que fiz até pedido na fitinha do Senhor do Bonfim para que ‘mainha’ recebesse o Bolsa Família. No dia em que ela trouxe a notícia de que havíamos conseguido o benefício, passei a sonhar em fazer curso superior”, recorda Isamara.

Em 2 de março de 2023, doutora Isamara era pura felicidade no salão do Palácio do Planalto.

O Governo Federal relançava o Bolsa Família, que perdera a essência nos anos anteriores, recuperando diretrizes históricas. O resgate, na verdade, havia começado no governo de transição. A garantia de pelo menos R\$ 600 por família no Orçamento de 2023 se deu antes mesmo da posse. O orçamento enviado ao Congresso Nacional pela gestão anterior definia um valor mínimo de apenas R\$ 400 para o Bolsa Família.

NOVO BOLSA

No relançamento do programa, foi criado o Benefício Primeira Infância, com o pagamento de R\$ 150 adicionais por criança de zero a seis anos – 8,98 milhões de crianças contempladas



já em março. Em junho, o Bolsa Família começou a pagar R\$ 50 adicionais para gestantes e para a faixa etária de 7 anos a 18 anos, além de R\$ 142 por integrante da família, de qualquer idade. A Regra de Proteção, novidade incorporada também em junho, garante que, mesmo conseguindo um emprego e melhorando a renda, a família permaneça no programa por até dois anos, desde que cada integrante receba o equivalente a até meio salário mínimo (R\$ 660).

O objetivo é assegurar maior estabilidade financeira e estimular o emprego e o empreendedorismo. Se a família perder a renda depois dos dois anos ou tiver pedido para sair do programa, ela tem direito ao retorno garantido. O benefício volta a ser pago imediatamente.

Em outubro, veio o benefício de R\$ 50 para as nutrizes, mães de recém-nascidos com até seis meses de idade. Completou-se a reformulação do programa e a recomposição do conceito de família como base para a política pública de transferência de renda.

PESQUISAS

Os frutos já estão sendo colhidos: 19,7 milhões de famílias, das 21,47 milhões contempladas em setembro pelo Bolsa Família, estão fora da linha da pobreza. O percentual de 92% é o melhor da história do programa. Três milhões delas conseguiram a evolução a partir de março.

Pesquisas divulgadas em seminário na Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro, em 26 de setembro, atestam a efetividade do novo Bolsa Família. De acordo com o diretor adjunto de Estudos Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Rafael Osório, as mudanças no desenho do programa contribuíram muito para os resultados positivos.

"Há um aumento significativo do número de beneficiários que conseguem deixar a linha de pobreza de R\$ 218 por pessoa. Ou seja, essas famílias estão ganhando o suficiente para, com recursos próprios mais a transferência de renda do programa, superarem a pobreza", analisou Osório.

O pesquisador da FGV Daniel da Mata detalhou dados levantados por estudo focado na primeira infância: "A implementação do Benefício Primeira Infância, em março deste ano, representou um aumento de 30% do benefício médio para as famílias que têm crianças entre zero e seis anos. Isso significa um incremento de 23% na renda total da família".

Daniel da Mata complementou: "Após o Benefício Primeira Infância, 84% das famílias com crianças de zero a seis anos ficaram fora da linha da pobreza, contra 64% antes de o benefício ser concedido. E, com a implementação total do novo desenho do Bolsa Família, a proporção de famílias com crianças na primeira infância protegidas da pobreza saltou para 92,4%, em setembro de 2023".

BUSCA ATIVA

Um dos pilares do novo Bolsa Família é a busca ativa. O MDS lançou, ainda em março, o Programa Emergencial de Atendimento do Cadastro Único no Sistema Único de Assistência Social (Procad-Suas). Para reforçar o Sistema Único de Assistência Social (Suas), atualizar o CadÚnico e potencializar a busca ativa das famílias, o Governo Federal programou, até o fim de 2023, investimento de mais de R\$ 3,5 bilhões nos estados e nos municípios.

A capacitação dos gestores estaduais e municipais e a parceria com diversos movimentos representativos da sociedade civil levaram ao aprimoramento do trabalho na ponta. A busca ativa alcança famílias que

moram em locais de difícil acesso, bem como pessoas em situação de rua e outras que desconhecem seus direitos.

Indígena da etnia Terena, da região de Aquidauana (MS), Andressa Lobo foi uma das pessoas visitadas. "Graças a Deus que a assistente social veio aqui. Eu tinha acabado de ter um neném e precisava incluir o meu filho no Bolsa Família", agradeceu.

Do outro lado do país, em São Benedito, no interior do Ceará, Rosilane Silva também recebeu a visita da equipe de busca ativa: "Eu não esperava que o Governo Federal fosse mandar alguém na minha casa para poder fazer o cadastro e receber o Bolsa Família". Como resultado, 2,15 milhões de novas famílias foram incluídas no Bolsa Família de março a setembro.

A NOVA ESTRUTURA DO BOLSA FAMÍLIA

- **Valor per capita** pago a cada pessoa da família: **R\$ 142;**
- **Cada família recebe**, no mínimo, **R\$ 600;**
- Dependendo da composição familiar, pode ser necessário o **repasse do Benefício Complementar** para que o lar atinja o valor mínimo de **R\$ 600;**
- Benefício **Primeira Infância** (zero a seis anos): **R\$ 150 por criança;**
- Benefício **Variável Familiar**: R\$ 50 para **gestantes, crianças e adolescentes** (sete a 18 anos);
- Benefício **Variável Familiar Nutriz**: R\$ 50 para famílias que tenham **crianças de até seis meses;**
- Benefício **Extraordinário de Transição**: para casos específicos, **garantindo que ninguém receba menos** do que recebia no programa anterior.

20
ANOS

Bolsa Família.

DISQUE SOCIAL **121**

Mudando vidas,
fazendo história.

O programa que mudou a vida de milhões de brasileiros chega aos 20 anos com mais benefícios, mais incentivos e mais oportunidades para continuar fazendo história.

BOLSA FAMÍLIA 2.0:

- **MAIS DE 21 MILHÕES DE FAMÍLIAS** RECEBEM O BENEFÍCIO DO PROGRAMA.
- **2 MILHÕES DE FAMÍLIAS** INGRESSARAM ENTRE MARÇO E SETEMBRO DE 2023.
- **5,5 MILHÕES DE BENEFICIÁRIOS** ASSINARAM A CARTEIRA DE TRABALHO NESTE ANO.

Os dados cadastrais devem estar sempre atualizados. Além disso, realize o pré-natal, mantenha filhos na escola, vacinados e com acompanhamento nutricional.



ACESSE **MDS.GOV.BR**
E SAIBA MAIS

20
ANOS

PROGRAMA
BOLSA
família

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
E ASSISTÊNCIA SOCIAL,
FAMÍLIA E COMBATE À FOME

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PROGRAMA

20
ANOS

BOLSA
família

DISQUE
SOCIAL **121**

 /mdsocial

 /mdscomunicacao

   /mdsgovbr

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
E ASSISTÊNCIA SOCIAL,
FAMÍLIA E COMBATE À FOME

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO